



Saberes e vivências de benzedeiras: um ritual de cura e religiosidade na comunidade quilombola do Arrojado

Knowledge and Experiences of Benzedeiras: a Ritual of Healing and Religiosity in the Arrojado Quilombola Community

OLIVEIRA, Luiza Maria Lima¹; JÚNIOR, Francisco Souto de Sousa²; SILVA, Francisco Rogenildo Dantas da³; SENA, Elisete Araújo Pedrosa de⁴; AMORIM, Jamira Lopes de⁵; LIMA, Cicero de Sousa⁶

email: lulueluiza@hotmail.com¹; email: franciscosouto@ufersa.edu.br²; email: rogenildosilva13@hotmail.com³; email: lili-eti@hotmail.com⁴; email: jamira.lopes@ufersa.edu.br⁵; email: cicerolimaator@hotmail.com⁶

RESUMO EXPANDIDO

Eixo Temático: Saúde e Agroecologia

Resumo: Este trabalho parte de saberes construídos por mulheres quilombolas que têm a prática de rezar e benzer. Levando em consideração os seus percursos históricos, este trabalho objetiva reconstruir, a partir das memórias sociais, os conhecimentos populares das benzedeiras, apresentando as técnicas de benzimento, uso de ervas medicinais e analisar os instantes de transferência desses saberes tradicionais. Uma prática vivenciada e aplicada na comunidade quilombola do Arrojado que mobiliza a fé e os saberes da comunidade, e busca a cura do corpo e do espírito através de rituais específicos. A pesquisa foi desenvolvida na comunidade quilombola do arrojado, na cidade de Portalegre-RN, tendo como amostragem duas mulheres benzedeiras. Os instrumentos utilizados foram entrevistas semiestruturadas, para ter uma maior compreensão do assunto, para análise utilizou-se análise de conteúdo. No percurso histórico o trabalho desenvolvido pelas benzedeiras teve uma maior visibilidade na comunidade, sendo vistas como referências, no que se refere aos processos de cura dos males do corpo e da alma. A benzeção faz com que os saberes populares sejam valorizados e estejam presentes na cultura da comunidade, sendo repassada de geração para geração.

Palavras Chaves: sincretismo religioso; oralidade; identidade; multiculturalidade.

INTRODUÇÃO

Trabalhar as benzedeiras na comunidade Quilombola do Arrojado, no município de Porto Alegre-RN, surgiu da necessidade de um olhar singular e provocativo a uma problemática que está se tornando frequente nas comunidades quilombolas: o apagamento de uma prática tradicional, que vem de uma ancestralidade cultural bastante antiga, a benzeção – prática que dialoga com uma oralidade que envolve reza, fé, cura, religiosidade, dom e cultura popular.

É na oralidade enquanto alicerce de disseminação e resistência que se faz um resgate de uma cultura que há tempos é passada de geração em geração, ou



seja, a ancestralidade do lugar que perpassa por um contexto de memórias e de resiliência. É através dessa oralidade que a cultura de um povo se conserva pela transmissão de geração a geração. E a benzeção faz parte de um contexto da cultura popular que, invariavelmente, abrange a memória social de uma população, pelas vivências, experiências e saberes da própria comunidade, expressando um pertencimento enquanto lugar de fala do sujeito. Uma comunicação popular que vai além daquilo que chamam sensacionalismo, ou seja, que denominam jornais de referência. Há uma necessidade em analisar discursos diversos a partir da localização de grupos distintos, a partir das construções do grupo no qual funciona. Segundo Amaral, é necessário compreender as posições sociais e capitais simbólicos de modos distintos.

[...] no lugar do sensacionalismo, rótulo que nos indica a intensidade de sensações geradas por estratégias como invenções, exageros, distorções e omissões, lugar de fala busca explicar porque a imprensa dirigida a esse público opera com Modos de Endereçamento distintos dos usados na imprensa de referência e constrói sua credibilidade de outras maneiras. Do nosso ponto de vista, o lugar de onde fala o segmento popular da grande imprensa é diferente do lugar de onde fala o segmento de referência. AMARAL, 2005, p. 104.

As benzedeiras e os benzedeiros quilombolas carregam consigo as marcas identitárias que os constituem em sujeitos da ação reivindicatória de luta por direitos e acesso às políticas públicas, como é o caso da comunidade que será foco do estudo em andamento. Teoricamente, as identidades culturais assumidas passam a responder pelas identidades construídas coletivamente e submetidas às condições específicas das trajetórias históricas de cada grupo, utilizando a memória e as experiências vividas pelas benzedeiras e benzedeiros nas comunidades.

A oralidade é um dos pilares à propagação dessa prática, em que a comunidade vê a necessidade de cultivar uma tradição que traz benefícios para a população, e que mantê-la viva e presente se faz necessário. A benzeção tem a oralidade como base, fundamentando-se no poder dos enunciados produzidos no ato da benzeção.

Assim, como forma de conseguir seus propósitos curativos, “(...) o homem compreendeu que, antes de ser realidade palpável, as coisas são realidade linguística sensivelmente manifestada” (GOMES; PEREIRA, 2004. p. 28).

A cultura e a prática das benzedeiras é um saber da tradição oral que dialoga com a cultura popular, e que intimamente está ligada às questões da religiosidade e, bem contribui esta observação:

Talvez a melhor maneira de se compreender a cultura popular seja estudar a religião. Ali ela aparece viva e multiforme e, mais do que em outros setores de produção de modos sociais da vida e dos símbolos, ela existe em franco estado de luta acesa, ora por sobrevivência, ora por autonomia, em meio a enfrentamentos profanos e sagrados, entre o domínio erudito dos dominantes e o domínio popular dos subalternos. (BRANDÃO, 1980, p. 15)



As práticas tradicionais empregadas pelas benzedeiras e benzedeiros quilombolas na promoção da cura e proteção alinham-se a uma religiosidade sincrética pelas influências culturais de matriz africanas, católicas e indígenas, produto de um contexto histórico colonial. Essa multiculturalidade ancestral remete a uma cultura que permeia as comunidades quilombolas, e as benzedeiras com suas práticas de benzeção são componentes desse contexto que mistura crença, saberes, fé, reza e espiritualidade, que resistem para manterem-se vivas como patrimônio cultural.

METODOLOGIA

Para o desenvolvimento desse estudo optou-se por uma abordagem qualitativa de natureza exploratória pelo fato de proporcionar uma maior familiaridade e compreensão do problema. Assim, a pesquisa é delineada como estudo de caso, que consiste em investigar de forma aprofundada um ou mais objetivos, como determina Gil (2010). Essa familiaridade é atribuída à vivência que foi realizada durante seis meses do ano de 2021 dentro da comunidade Quilombola do Arrojado no município de Portalegre/RN, durante a vivência, em que o contato com a população proporcionou descobrir as potencialidades e ameaças existente na comunidade.

A busca ativa sobre as benzedeiras sempre foi uma preocupação do trabalho que foi desenvolvido dentro da comunidade, e através da entrevista semiestruturada (Quadro 1), foi possível detalhar perfil de cada benzedeira, e destacar a preocupação por uma prática que está desaparecendo.

Ainda como metodologia, foi construída uma cartografia social, nela foram pontuadas várias questões sociais dentro da comunidade, participaram da construção alguns moradores da comunidade. Como ponto relevante de quem iria participar da construção da cartografia, se destacaram as senhoras anciãs e matriarcas, e alguns dos seus filhos, pois estes nasceram e se criaram dentro do território, ou seja, viram a comunidade crescer, o desenvolvimento da comunidade é uma história de vida de cada sujeito que aqui viveu e vive, e resistem até hoje.

Participa deste estudo exploratório uma (01) benzedeira de nome codificado, Carolina de Jesus, da comunidade Quilombola do Arrojado de forma participativa, cujos dados obtidos resultaram em uma rica compreensão da realidade territorial da comunidade quilombola. Foi utilizado como instrumento entrevista semiestruturada com as seguintes categorias de análise que se encontram no Quadro 1.



Quadro 1: Categorias de análise

BENZEDEIRAS	OBJETIVO
Condição Histórica	Conhecer o perfil de cada benzedeira
Condição econômica e social	Saber quais condições socioeconômica vivem as benzedeiras
Aspectos da condição religiosa	Conhecer uma ancestralidade cultural e religiosa
Aspectos da medicina popular	Descobrir a importância das plantas medicinais na comunidade

Fonte: Elaborado pela autora.

RESULTADO E DISCUSSÕES

As práticas de benzeção das benzedeiras da comunidade quilombola do Arrojado é uma tradição que se faz presente entre na comunidade. O enraizamento colonial europeu é de uma visibilidade marcante ao falar de religião, sob um viés doutrinário, numa perspectiva de que dias melhores não de vir. Essa fé é o que conduz as benzedeiras e a comunidade no processo de cura, por meio da benzeção, como fica identificado na fala da benzedeira Carolina de Jesus (Quadro 2).

Quadro 2: Aspectos de cura na fala da benzedeira.

BENZEDEIRA 1 e 2	CAROLINA DE JESU E ELZA SOARES
Aspectos da medicina popular	O uso de plantas medicinais na comunidade é muito forte, e é passado de geração pra geração, essa prática é bem presente e visível dentro da comunidade. Não se tem o hábito de fazer garrafadas, porém o uso pra lambedor e chá é frequente. O banho cedo e o chá de limão com casca de jatobá é um hábito saudável pra curar gripe, lambedor de canela do mato, jatobá, malvarisco e hortelã, o chá de capim é um hábito bastante usual, no quintal da grande maioria tem sua horta de plantas medicinais. O cultivo de plantas medicinais é visível nos terreiros das famílias da Comunidade Quilombola do



Arrojado, uma prática antiga, milenar, mantida pelas matriarcas, o uso das plantas é diário entre as famílias, o hábito de plantar e consumir faz parte do canteiro, no fundo do quintal da benzedeira Carolina de Jesus e Elza. A benzeção a as plantas medicinais caminham juntas pela cura do corpo e da alma, hoje a medicina já faz uso. A comunidade não imagina que hoje as plantas medicinais são utilizadas na medicina como cura, o ministério da saúde inseriu na atenção básica a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) no SUS. Caderno de Práticas Integrativas – Ministério da Saúde 2012.

O cuidado e a preocupação em manter viva o cultivo das plantas medicinais tem um olhar singular das benzedeiras, conhece cada uma com um saber de experiência, dentro de uma lógica racional, elas não abandonam o atendimento médico, as recomendações médicas para uso de medicação farmacêutica são mantidas quando se faz necessário. O uso de chá, lambedor, garrafada é uma prática que está longe de ser extinguido. O respeito e o uso das plantas são tão forte que o pé de pião roxo tem seu papel de sugar as energias negativas na hora da benzeção.

Fonte: Elaborado pela autora.

Sabemos que o sincretismo religioso mostra uma realidade de uma ancestralidade cultural, a exploração escravista dos povos africanos que vieram para o Brasil escravizados, a quem lhes foi negado o direito de cultuar a sua religiosidade de matriz africana. E as benzedeiras com sua prática de cura é uma característica dessa linhagem multicultural, que mistura fé, religiosidade e crença.

O dom de curar, mesmo que esse dom não tenha sido percebido antes de aprender a rezar, essa escolhida/escolhido a ser benzedeira com o objetivo de curar, enquanto intercessora dentro do ritual, pois para elas a cura vem de Deus e da fé. São saberes, costumes e uma cosmovisão que integram os laços identitários e de pertencimento. Uma prática que infelizmente está desaparecendo pela falta de propagação e ausência de interesse das gerações mais novas, e o próprio comodismo das benzedeiras em ficar esperando a hora



de suas filhas/filhos, netas/netos tenham o interesse em querer aprender, ou seja, elas acreditam que um dia, uma hora, essa vontade de aprender a prática da benzeção poderá acontecer.

A resiliência de manter a prática de benzeção é um ocorrido em todas as comunidades remanescente de quilombo. O potencial das plantas medicinais dentro da comunidade é uma prática de uso bastante forte, uma tradição que está sendo preservada, o seu cultivo nos quintais é prova viva dessa propagação as novas gerações, o chazinho de capim santo é embriagado disputada com o café.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há resiliência de manter viva a ancestralidade nas comunidades remanescente de quilombo, o coletivo de mulheres da comunidade do Arrojado é a base que conduz o território, a horizontalidade de articulação das mulheres é o que torna sólido a luta de cada sujeito que estão no território, e a valorização da prática da benzeção é uma das pautas discutidas dentro da comunidade, numa perspectiva que seja disseminado para as futuras gerações, a ausência de uma unidade básica de saúde dentro do quilombo é um dos motivos que incentiva as matriarcas a manter presente a prática da benzeção, o olhar da benzeção pela fé é uma prática que vem desde os povos indígenas e africanos, povos tradicionais.

O conceito de agroecologia vai muito além quando se fala de alimentos sem agrotóxico, agroecologia é viver com dignidade, é ter saúde, seja com alimentação saudável, segurança alimentar, tomando um chá, tendo a cura pela benção da benzedeira do seu território, é ter terra para morar e plantar o seu próprio alimento orgânico nos quintais, é o bem viver. Segundo Ailton Krenak, o Bem Viver pode ser a difícil experiência de manter um equilíbrio entre o que nós podemos obter da vida, da natureza, e o que nós podemos devolver. É um equilíbrio, um balanço muito sensível e não é alguma coisa que a gente acessa por uma decisão pessoal. Quando estamos habitando um Planeta disputado de maneira desigual, uma história pela desigualdade, fazemos simplesmente um exercício pessoal de dizer que vai alcançar o estado de Bem Viver, um debate sobre sustentabilidade, e a ideia de desenvolvimento sustentável. Somos seres que estamos dentro da ecologia planetária como elemento de equilíbrio e regulador

REFERÊNCIAS

AMARAL, Márcia Franz. Lugares de fala: um conceito para abordar o segmento popular da grande imprensa. *Contracampo*, n. 12, p. 103-114, jan./jul., 2005.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Os deuses do povo*. São Paulo: Brasiliense, 1980.

CADERNOS DE ATENÇÃO BÁSICA - PRÁTICAS INTEGRATIVAS E COMPLEMENTARES Plantas Medicinais e Fitoterapia na Atenção Básica - MINISTÉRIO DA SAÚDE Secretaria de Atenção à Saúde Departamento de Atenção Básica –Brasília - DF



DIEGUES JÚNIOR, Manuel. *Etnias e cultura no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, Brasília: INL, 1976.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 6ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projeto de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2010.

GOMES, Núbia Pereira de Magalhães; PEREIRA, Edmilson de Almeida. *Assim se benze em Minas Gerais*. Juiz de Fora (MG): EDUFJ/Mazza, 2004.

KARENGA, Maulana. Afrocentricity and multicultural education: concept, challenge, and contribution. In: Bowser, B. P.; Jones, T. Young, G. A.

MAUSS, Marcel. As técnicas corporais. In: MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: EPU, 1974. pp. 209-233.

NASCIMENTO, Abdias do. *O Quilombismo*. Petrópolis: Editora vozes Ltda, 1980

SANTOS, Erisvaldo Pereira dos. *Formação de professores e religiões de matrizes africanas: um diálogo necessário*. 2ª. ed. Belo Horizonte: Nandyala, 2015

SANTOS, Boaventura de Souza. *Conhecimento prudente para uma vida decente: um discurso sobre as ciências revisitado*. Rio de Janeiro: Cortez, 2006.

SOUZA, Laura Olivieri Carneiro de. *Quilombo: identidade e história*. 1ª. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012

KRENAK, Ailton, Caminhos para a cultura do bem viver, 17 de junho de 2020
<["Caminhos para a cultura do Bem Viver"](https://eusemfronteiras.com.br). Conheça o livro! (eusemfronteiras.com.br)>

Acesso em: 22 de setembro de 2023